

Para se merecer ser bibliófilo não basta formar uma biblioteca com milhares de belas encadernações antigas e modernas num espaço interior esplendidamente decorado. A bibliofilia é o resultado de um amor à beleza e à ciência. Diremos mesmo que, ainda mais do que o resultado de um acto de amor da beleza e da ciência, se identifica com esse mesmo acto.

JOSÉ V. DE PINA MARTINS



JOSÉ V. DE PINA MARTINS
*UMA BIBLIOTECA
HUMANÍSTICA*

*Os objectos procuram aqueles
que os amam*

UMA BIBLIOTECA
HUMANÍSTICA

FUNDAÇÃO
CALOUSTE G. GEBEKIAN

ISBN: 978-972-31-1560-4



9 789723 115604

JOSÉ V. DE PINA MARTINS
UMA BIBLIOTECA
HUMANÍSTICA

*Os objectos procuram aqueles
que os amam*

Fundação Calouste Gulbenkian
2015

*Uma exposição – e portanto o catálogo que a recorda
como documento para que a sua lembrança fique assinalada
na história – tem de ser harmoniosa como uma catedral ou,
pelo menos, como uma obra arquitectónica, grandiosa ou
modesta que seja. – JOSÉ V. DE PINA MARTINS*







ÍNDICE

- 8 Mensagem da Fundação Calouste Gulbenkian
12 Agradecimentos
14 Mensagem do Novo Banco
- 16 VANDA ANASTÁCIO
Os objectos procuram aqueles que os amam
- 18 J. V. PINA MARTINS
Como nasceu a minha biblioteca
-
- A BIBLIOTECA POR AMOR AO LIVRO, O AMOR AO LIVRO POR AMOR AO SABER
- 23 ARTUR ANSELMO
Sobre os conceitos de Humanismo e Renascimento
no pensamento de Pina Martins
- 28 ANA MARÍA SÁNCHEZ TARRÍO
José Vitorino Pina Martins hoje: o Humanismo
e a cultura europeia
- 32 FRANCISCO BETHENCOURT
Pina Martins: um testemunho de aprendizagem
- 34 RITA MARNOTO
José V. de Pina Martins e a Itália
- 46 JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES
José Vitorino de Pina Martins e a consolação dos livros
- 52 MARCIA ARRUDA FRANCO
Pina Martins para o século XXI
- 61 THOMAS F. EARLE
A obra de Francisco Sá de Miranda vista pelos poetas
quinhentistas
- 70 SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO
Professor Pina Martins: mestre e amigo
- 73 M. VALENTINA C. A. SUL MENDES
J. V. de Pina Martins, leitor emérito, amigo e distinto
colaborador da Biblioteca Nacional de Portugal
- 84 AIRES A. NASCIMENTO
J. V. de Pina Martins: a arte de conviver com o livro,
tendo os autores de ontem por companhia
- 95 JOSÉ ADRIANO DE FREITAS CARVALHO
Um homem, um sábio e um amigo

98	LIVRO DE CITAÇÕES DE “BIBLIÓFAGOS” A “UNIVERSIDADE”
<hr/>	
	EXPOSIÇÃO
114	VANDA ANASTÁCIO A geografia dos livros
116	LIVROS
130	PORTUGAL E ESPANHA
138	INGLATERRA
145	ITÁLIA E FRANÇA
157	“RESTO DA EUROPA”
164	MARGARIDA CUNHA Como se vestem os livros na biblioteca de um humanista: ver, sentir e analisar
169	ENCADERNAÇÕES
192	MANUSCRITOS
198	PINTURA
206	VANDA ANASTÁCIO O rosto dos homens e os rostos de Jano
208	GRAVURAS
<hr/>	
218	GLOSSÁRIO BREVE DE PALAVRAS-CHAVE
<hr/>	
224	CRONOLOGIA BIOGRÁFICA DE JOSÉ V. DE PINA MARTINS
<hr/>	
230	AIRES NASCIMENTO, MARGARIDA CUNHA E MIRIAM BARROS E SANTOS BIBLIOGRAFIA DE JOSÉ V. DE PINA MARTINS
<hr/>	
255	“SELECTA BIBLIOGRAFICA”
<hr/>	
260	ÍNDICES

MENSAGEM DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

EDUARDO MARÇAL GRILO
ADMINISTRADOR

Para além de ser um bibliófilo de excepção, José V. de Pina Martins tem, pela qualidade da sua obra e dos seus estudos, um lugar na história da cultura portuguesa. As suas profundas e admiráveis qualidades intelectuais colocam-no, em qualquer parte do mundo, como um eminente valor da ciência e da cultura.

O trabalho porfiado, a inteligência disciplinada e culta, o amor pela pesquisa científica, tudo isto se combina nele para personalizar os méritos de um pensamento crítico e rigoroso.

A Fundação Calouste Gulbenkian teve a honra de contar com José V. de Pina Martins como um dos seus desde o início da década de setenta. Nela se conservou até se reformar em 1998, mas a ela continuou ligado e permaneceu, até ao final da vida, como destacado membro do Conselho Consultivo do seu Plano de Edições onde, enquanto a saúde lhe permitiu, deu um contributo extremamente valioso e relevante através de conselhos sabedores e propostas estimulantes que muito valorizaram a atividade editorial da Fundação. Foi neste período que se publicou a principal obra de Bernardim Ribeiro, *História de Menina e Moça*, com um magnífico e vastíssimo estudo introdutório de Pina Martins; ou uma edição crítica da *Utopia* de Thomas More, traduzida pelo Prof. Aires Nascimento, mas com um plano seu e com um riquíssimo estudo introdutório em que disserta sobre o alfabeto utopiano como ideia lúdica moriana; e, finalmente, um último livro que Pina Martins tinha preparado intitulado *Histórias de Livros para a História do Livro*. Esta foi uma obra que escreveu de forma gradual, capítulo a capítulo, a pedido da sua filha Eva Maria, que lhe manifestou o desejo de saber como se tinham acumulado na sua fabulosa biblioteca muitas das preciosidades bibliográficas aí existentes. Foi com enorme prazer que concretizámos o seu desejo de que esta obra fosse publicada no Plano de Edições da Fundação Calouste Gulbenkian, que competentemente dirigiu durante mais de 15 anos.

A ligação de Pina Martins à Fundação Calouste Gulbenkian iniciou-se em 1972 com a sua ida para Paris para dirigir o Centro Cultural Gulbenkian, ao qual o seu nome fica estreitamente ligado pela grande qualidade das actividades culturais e científicas que aí promoveu, pela rede de contactos com instituições científicas e universitárias francesas que estabeleceu para o Centro e pela forma como estimulou tantos investigadores portugueses que em Paris realizaram os seus trabalhos académicos. Regressou de Paris em 1983, convidado pela Universidade de Lisboa e pela Fundação Calouste Gulbenkian, à qual se manteve ligado como Director do Serviço de Educação, tendo dedicado uma especial atenção à atividade do Plano de Edições e em particular à série *Cultura Portuguesa*. Foi dele a iniciativa de publicação das obras completas de alguns dos maiores vultos do pensamento português do século XX, de que gostaria de realçar o projeto relativo à *Obra Completa* de Joaquim de Carvalho, por quem Pina Martins tinha tanta admiração como, aliás, todos aqueles que foram seus discípulos ou que com ele privaram.

Por tudo isto, a Fundação Calouste Gulbenkian aceitou com entusiasmo a proposta que lhe foi feita pelo BES, titular da valiosa biblioteca de Pina Martins, de organizar nas suas instalações uma exposição da parte mais relevante desse tão rico património bibliográfico.

Para a concretização deste projeto a Fundação Calouste Gulbenkian escolheu a Senhora Professora Vanda Anastácio para comissária da exposição e agradece-lhe o trabalho desenvolvido. Agradecimentos são devidos ao Conselho de Administração do Novo Banco e em especial ao seu Presidente Doutor Eduardo Stock da Cunha, que viabilizaram a exposição com o empréstimo das obras expostas. A Biblioteca Nacional também emprestou dois raros e valiosos volumes para a exposição e agradece-se à sua Diretora, Doutora Maria Inês Cordeiro, a sua pronta disponibilidade para, mais uma vez, colaborar com a Fundação Calouste Gulbenkian. São também merecidas palavras de agradecimento aos elementos da Comissão Científica da exposição, Professores Doutores Artur Anselmo, Aires Nascimento, Ana Maria Tarrío e Margarida Cunha. Um último agradecimento é igualmente devido a todos os elementos que na Fundação Calouste Gulbenkian se responsabilizaram pela realização deste projecto de que gostaria de salientar Manuel Carmelo Rosa, Director do Programa Gulbenkian de Qualificação das Novas Gerações, Mariano Piçarra, do Museu Calouste Gulbenkian, responsável pelo projeto artístico da exposição, e Maria Teresa Correia do Programa Gulbenkian “Qualificação das Novas Gerações” que assegurou a coordenação de todas as atividades.



lescência e o início da idade adulta tinham sido modelados por formas de pensamento utópico. O estudo da *Utopia* de Thomas More assumiu um papel importante no meu percurso intelectual, tendo eu sido confrontado com este texto em diversos momentos da minha vida. Quando estive na Biblioteca Nacional pude acolher uma exposição sugerida por Pina Martins sobre a *Utopia*, que me obrigou a ler de forma mais consistente os principais textos. Voltei à *Utopia* quando escrevi um artigo sobre o Renascimento e a nova ordem do saber estimulada pela expansão oceânica. Recentemente regresssei ao assunto, pois estou a organizar um volume colectivo sobre a utopia no mundo de língua portuguesa. No meu actual projecto de investigação sobre a história da desigualdade tenho de introduzir esta dimensão do pensamento utópico (ou distópico), como reflexão crítica suportada pela imaginação de sociedades alternativas. A originalidade de Thomas More não se desvanece com estas sucessivas incursões, pelo contrário, revela o momento crucial em que a Europa se confronta com o seu passado e o seu futuro depois da descoberta do Novo Mundo.

O convívio com Pina Martins, sem ser regular e intenso, marcou sem dúvida a minha vida de jovem investigador. Tenho a sensação de ter aprendido muito mais do que referi aqui, pois tive acesso a autores, edições críticas, ideias que me teria levado muito mais tempo a encontrar em bibliotecas. Mas para além de toda a aprendizagem de que beneficiei, a imagem que me ficou de Pina Martins foi a de um príncipe do Renascimento, de uma amabilidade e uma generosidade imbatíveis, sempre disponível para ensinar e ajudar jovens investigadores. Para mim, ele é um exemplo do que deve ser a República das Letras, igualitária e generosa, baseada no respeito mútuo, na troca de ideias e na cultura da dádiva. Tive a felicidade de o ver em diversos momentos de vida, desde os anos de 1980 até pouco antes de falecer. Tive ainda a alegria de

ter contribuído para o desenvolvimento do Centro Cultural Gulbenkian em Paris, onde Pina Martins tinha deixado um trabalho notável, reconhecido por todos. Este breve testemunho permite-me pôr por escrito a convicção de que a amizade aliada ao saber têm um lugar especial no nosso percurso e na nossa memória.

JOSÉ V. DE PINA MARTINS E A ITÁLIA

RITA MARNOTO
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Era acolhedora a luz fria e intensa que iluminava Roma no dia 18 de Janeiro de 1949²³. Os chuviscos que vinham do Tirreno não persistiam e nem tão-pouco perturbavam o bulício de uma cidade que a todo o custo se esforçava por renascer das feridas da guerra. Crianças corriam ao despique até ao topo dos monturos dos bombardeamentos de 43 e de 44. No Tuscolano, no Tiburtino e em Varco San Paolo, ia adiantada a construção dos novos bairros INA-Casa. A estação ferroviária de Termini estava prestes a ser concluída segundo um novo desenho racionalista, com uma pala avançada que declinava as formas da antiga muralha romana. Ainda estava fresca a má memória das viaturas escuras e dos tanques que até há bem pouco tempo tinham patrulhado as artérias da capital, essas mesmas avenidas por onde então começavam a desfilar carros de linhas modernas, prenúncio da grande recuperação industrial. Na praça rasgada entre a Coluna de Trajano

23 Uma data que recordada mais de uma vez em *Histórias de Livros para a História do Livro*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, como se de uma efeméride se tratasse.

e o *Altare della Patria*, um sinaleiro de indumentária e gesto elegantíssimos ia conciliando o fluxo do tráfego com a azáfama de senhoras, cavalheiros e prelados que não tinham tempo a perder.

Era acolhedora a luz fria e intensa que no dia 18 de Janeiro de 1949 recebeu o novo leitor de Português na Universidade de Roma, *La Sapienza*, carregando na bagagem uma licenciatura em Filologia Românica obtida na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A luz fria e intensa da cidade de Roma aclarava-lhe a ideia de uma cidade terrena e de uma cidade eterna, de uma cidade dos homens e de uma cidade de Deus, de uma cidade de livros e de uma cidade de saber.

Roma é um sistema de ruínas transecular. Estrutura-se a partir de ininterruptos processos dissipativos que vão transformando o caos em ordem, como o mostrou Armando Gnisci²⁴. A cidade é de facto formada por uma multiplicidade de estratos onde se acumulam as ruínas de sucessivos passados de destruição por obra do homem ou do tempo, numa sobreposição de vestígios sujeitos a uma contínua refuncionalização. Por conseguinte, essa sistematidade tem uma condição, que é o seu reuso. Pensá-la e vivê-la contemporânea e indissolúvelmente forma a trama da condição transcendental e da determinação existencial que se implicam mutuamente e a implicam como cidade eterna e cidade terrena.

Para Pina Martins, Roma foi um sistema de ruínas que se abriu perante os seus olhos como um daqueles livros que ao longo da sua vida o foram procurando. Em *Histórias de Livros para a História do Livro*, fala-nos de livros que tiveram um particular significado para o seu percurso intelectual, de livros que deixou para trás e depois reencontrou, de livros que sempre desejou e inesperadamente se lhe

24 “Roma como sistema de ruínas”, Remo Ceserani, Gianni Vattimo, Armando Gnisci, Francesco Dal Co, *Leonardo Express*, coordenação de Rita Marnoto, Coimbra, Instituto de Estudos Italianos da FLUC, EDARQ, 2004, pp. 61-83.

ofereceram ao olhar, como se fossem eles a procurá-lo. “Os objectos nobres – e não há objecto mais nobre do que um livro valioso – procuram aqueles que os amam”²⁵, diz a André Jammes, livreiro-antiquário de Saint Germain, depois de ter trocado um exemplar do *De rebus Emanuelis gestis* de Jerónimo Osório, impresso em 1571-1572, por duas edições de Aldo Manuzio, o *Iamblicus* de 1497 e o *In calumniatorem Platonis* de 1503 do cardeal Bessarion. Tal como os livros procuram aqueles que os amam, também as cidades nobres os procuram. E a luz de Roma procurou Pina Martins muito antes e muito depois do dia 18 de Janeiro de 1949, com as suas páginas eternamente abertas diante dos seus olhos.

Roma, sistema de ruínas, foi um dos mais nobres dos seus livros, mas num sentido muito especial. Nele leu e releu as gravações em *capitalis quadrata* da Coluna de Trajano, testando os ângulos da luz sobre o cinzelado dos seus caracteres. Nele estreitou o convívio com os *auctores* do latim áureo. Nele reviveu a glória da coroação no Capitólio do primeiro moderno, Francesco Petrarca. Nele conteve o anseio da espera sofrida por aquele Giovanni Pico della Mirandola que no inverno de 1487 se preparava para discutir as *Conclusiones* na Cúria, mas viu as suas expectativas frustradas, quando Inocêncio VIII as submeteu à apreciação de um grupo de teólogos. Roma foi para Pina Martins um lugar de livros e de leituras em sucessivas sobreposições.

Pouco depois de ter chegado, o escultor açoriano Numídico Bessone levou-o a conhecer a cidade. Subiram a escadaria da *Piazza di Spagna* e tinham virado para Villa Medici quando o amigo lhe assinalou a livraria do célebre livreiro-antiquário de Roma, Carl Ewald Rappaport. O rumo do percurso alterou-se subitamente em direcção a Via Sistina. Foi de imediato bater-lhe à porta, dando assim iní-

25 José V. de Pina Martins, *Histórias de Livros para a História do Livro*, p. 120.

cio a um convívio de grande estima mútua, ininterrupto ao longo dos anos, com Rappaport e depois com os seus herdeiros. Encontrou nas suas estantes muitos livros requintados, mas foi em 1956 que lhe fez uma aquisição decisiva para o futuro das suas investigações: um volume que reunia as *Conclusiones* de Pico della Mirandola na edição de 1532 e o *De verbo mirifico* de Reuchlin, seguidor do humanista italiano.

Em 1956, Giovanni Pico della Mirandola podia ser lido em edições preparadas por grandes críticos, a começar por Eugenio Garin, um estudioso a quem Pina Martins tributava um imenso respeito intelectual. Não deixava de guardar muitas delas na sua biblioteca, mas os autores que estudava com afinco, esses, entendia que deviam ser lidos nas letras de forma do seu tempo.

A edição *princeps* da tradução para latim dos diálogos de Platão elaborada por Marsilio Ficino e acompanhada de comentários, publicada em 1484, é um marco na difusão da obra do pensador grego pelo Ocidente europeu. Contudo, para Pina Martins o volume tem um significado acrescido. Giovanni Pico della Mirandola fora aluno de Marsilio Ficino, o que faz dessas páginas instância mediadora do seu acesso a Platão, para todo o sempre gravada em cada uma das suas linhas²⁶. As edições antigas eram o mais fiel testemunho de um saber que ia sendo passado de geração em geração, de mestre a discípulo, numa sucessiva acumulação de vestígios.

Não era apenas a fidelidade textual que o rigor das suas leituras requeria. Eram também a qualidade de um papel que conservava a sua textura incorrupta, a nitidez do desenho dos caracteres tipográficos e a solidez da encadernação a oferecerem-se ao intelecto e aos sentidos, como condição inextricável do gosto da leitura. Roma, sistema multiestratificado de ruínas, proporcionou-lhe

26 Ver José V. de Pina Martins, *Histórias de Livros para a História do Livro*, p. 10.

muitos reencontros com livros, autores, impressores e livreiros.

A Carl Ewald Rappaport, forneceu informação exacta sobre as verdadeiras referências daquela tal edição de Pico della Mirandola de 1532 que dela se encontravam ausentes: fora impressa por Ioannes Petreius em Nuremberga. Sob o título de *Conclusiones*, reunia também a *Apologia*, dedicada pelo insigne humanista à refutação dos argumentos lançados contra as suas 900 teses pela comissão de teólogos nomeada por Inocêncio VIII para as analisar, e o *Panepistemon* de Angelo Poliziano, um tratado que sistematiza os grandes ramos do saber a partir da leitura da *Ética* de Aristóteles. Tinha uma preciosa encadernação original, que depois passou a ser protegida por um escrínio.

O volume adquirido na Via Sistina é emblema daquele amor que ao longo de uma vida consagrou ao autor da *De hominis dignitate oratio*. Nele colheu o texto da edição *Apologia propositionum suarum* que publicou em 1963²⁷, bem como um estímulo para os numerosos estudos que viria a dedicar ao humanista italiano, a começar por “Pico della Mirandola e o humanismo italiano nas origens do humanismo português”, publicado na revista *Estudos Italianos em Portugal* no ano seguinte²⁸. Ao longo dos anos, a secção da sua biblioteca que lhe é reservada não cessará de aumentar, a ponto de se tornar uma das mais notáveis do seu vasto acervo²⁹. Aliás, naquela

27 G. Pico della Mirandola, *Apologia propositionum suarum*, texto da edição de 1532 apresentado por José V. de Pina Martins, Lisboa, Mundo do Livro, 1963. Saiu no ano em que se comemorava o VI centenário do nascimento do humanista.

28 *Estudos Italianos em Portugal*, 23, 1964, pp. 107-146.

29 A parte do acervo relacionada com Giovanni Pico della Mirandola foi apresentada ao público na exposição realizada no Museu de Artes Decorativas Portuguesas, Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, acompanhada pelo catálogo ilustrado, *Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494). Coleção Biblioteca de Estudos Humanísticos Pina Martins*, Lisboa,

junção de Pico e do seu discípulo Reuchlin em encadernação original germinava o que viria a ser um campo privilegiado da sua investigação, a difusão europeia dos ideais do humanismo italiano.

Pouco depois de ter chegado a Roma, já Pina Martins conhecia quase todos os livreiros-anti-quários do centro da cidade, dos mais famosos, como Carl Ewald Rappaport, aos mais modestos³⁰. Casas religiosas e grandes mansões que ao longo dos séculos tinham acumulado acervos incomensuráveis colocavam no mercado boas fatias das suas estantes, ao ritmo de uma cidade que se renovava. As visitas de Pina Martins às lojas de livros romanas tornaram-se tão regulares e atentas que passou a integrar os círculos de convívio que em muitas delas se iam formando em torno de edições e autores de outros tempos. O objecto-livro era afinal a faceta privilegiada de uma refuncionalização de leituras, tendo em vista a partilha do saber. Descobri-lo era também descobrir *piazze, vie e viuzze*, e com elas a vida de quem o vendia, o possuía, o defendera da destruição ou dele se desfizera para o oferecer a novos olhares.

Passava muitas vezes pela livraria de Pasquale Lombardi, um livreiro napolitano que no pós-guerra viera tentar a sua sorte em Roma, instalando-se no coração da cidade, nas imediações das an-

Banco Espírito Santo, 2013. Dos trabalhos que dedicou ao humanista, recorde-se também *Jean Pic de la Mirandole. Un portrait inconnu de l'humaniste. Une édition très rare de Ses "Conclusiones"*, Paris, Presses Universitaires de France, 1979. Para informação precisa acerca de toda a sua actividade e de todas as suas publicações, ver *José Vitorino de Pina Martins. Percurso Universitário e Académico. Curriculum Vitae. Bibliografia*, Lisboa, [s. ed.], 1995.

30 A evocação desses livreiros contida em *Histórias de Livros para a História do Livro* pode ser confrontada com a informação compilada por Flavia Cristiano, *Figure dell'antiquariato libraio e dell'editoria romana tra Otto e Novecento*, Roma, Vecchiarelli, 1995.

tigas ruínas da casa de Michelangelo Buonarroti. De lá trouxe um *Ovidius* editado em Veneza no ano de 1540 por Bernardino de Bindonibus Mediolanensis, o segundo volume da série *Poetae christiani veteres* impresso por Aldo Manuzio em 1500 e vários outros livros do século XVI. Foi também a Pasquale Lombardi que adquiriu um exemplar de grande valor com os *Opera* de Francesco Petrarca de 1503. A ideia de compilar conjuntamente os escritos em língua latina e em língua vulgar de Petrarca vingou logo nos primeiros anos do século XVI e o seu êxito não cessará de aumentar ao longo da centúria. As duas primeiras empresas editoriais concretizam-se em Veneza, ambas por iniciativa de Simon de Luere, e o conteúdo dos seus volumes é muito semelhante. Foi impressor em 1501 Andrea Torresani de Asula, e em 1503 Simon Papiensis dictus Bevilaqua. O exemplar que Pina Martins adquiriu a Pasquale Lombardi saíra pois dos prelos de Bevilaqua em 1503.

Também no caso de Petrarca poderia recorrer, para a sua obra latina, aos resultados do trabalho da “Commissione per l’Edizione Nazionale delle Opere di Francesco Petrarca”, instituída em 1904, e que por meados do século XX já tinha publicado vários volumes preparados por Nicola Festa, Vittorio Rossi e Giuseppe Billanovich. Quanto ao Cancioneiro, considerava justamente a edição de Gianfranco Contini como sendo a melhor. E, no entanto, nunca se separou daquele volume dos *Opera* de 1503, ao qual aliás faltavam as páginas preliminares. Utilizou-o em várias investigações e tinha por ele um carinho muito especial, pelas saudades que lhe fazia das suas estadias em Roma, em Poitiers e em Paris, onde sempre o teve a seu lado³¹.

31 “Os *Opera* latinos de Petrarca que comprei ao Sr. Lombardi permanecem sempre entre os livros da minha biblioteca. Essa obra é, naturalmente, útil para os meus estudos. Mas lembra-me também – quantas saudades! – os tempos da minha juventude, passados através da Itália e da França...

A geografia da Roma de Pina Martins organiza-se como uma rede de monumentos e de livrarias assinaladas pelos marcos miliários em torno dos quais a Europa se construiu, a Antiguidade Clássica, o Cristianismo e o Humanismo. No Corso del Rinascimento, era assíduo frequentador da livraria Nardecchia, que chegou a visitar com Eugenio Asensio. Conviveu de perto com o seu fundador, Attilio Nardecchia, um médico que optara por se dedicar aos livros e que redigia os seus catálogos em latim. O estabelecimento era ponto de encontro para Benedetto Croce, Luigi Einaudi e outros distintos intelectuais. Daí, passava a Via della Scrofa para apreciar as estantes de Scarpignato, de Fiammetta Soave ou de Sergio Dotti, que lhe facultou o último livro editado pelo próprio Aldo Manuzio, o *Lucretius* de Janeiro de 1515. Cortava então para Via del Babuino, onde tinha uma relação muito particular com um livreiro modesto e de trato ríspido que possuía bons livros do século XVI, Camerlengo. Adquiriu-lhe gravuras e muitas edições antigas. Ficou fortemente impressionado pela sua atitude, quando em 1955 lhe comunicou que concluíra a sua missão de leitor em Roma: “Caro Professore, vorrei che si ricordasse di me. Ho un piccolo regalo per Lei. Ho visto che questo libro è di suo piacimento. Quando sarà a Parigi o a Lisbona si ricordi di me”³². E ofereceu-lhe *Il Secreto* de Petrarca no *volgarizzamento* de 1517 impresso em Siena por Simeone di Niccolò. Era a primeira edição autónoma do tratado feita no século XVI, e a segunda autónoma em termos absolutos, só precedida pelo incunábulo de Estrasburgo de 1473. A sensibilidade bem secreta de Camerlengo impressionou de tal modo Pina Martins que foi outro dos livrinhos do qual nunca mais se separou.

sobretudo em Roma, em Poitiers e em Paris” (*Histórias de Livros para a História do Livro*, p. 141).

32 José V. de Pina Martins, *Histórias de Livros para a História do Livro*, p. 59.

O ambiente dos livreiros-antiquários de Roma era dominado por homens, mas houve uma mulher que o tocou profundamente. Dirigia uma pequena livraria nas proximidades do Pantheon. A severa melancolia que tinha estampada num rosto já idoso parecia trazê-la sempre embrenhada nos mistérios do transcendente. Muito educada, redobrava os seus obséquios quando atendia algum prelado. Não era, no entanto, qualquer crença religiosa a inspirar-lhe tais reverências. Pertencente a uma família hebraica, era agnóstica, e eternamente reconhecida à Igreja por a ter acolhido nas suas instituições, a ela, ao marido e à filha, durante a ocupação nazi, e por ter além disso zelado pela integridade da sua livraria.

Os rasgados elogios que faz à cultura dos livreiros italianos não o impedem de exprimir a sua benevolente reprovação pelas artimanhas do antiquário romano Arturo Rossi. Intrigado pelo anúncio, publicado num catálogo da sua loja, de uma edição dos *Adagia* de Erasmo datada de 1516, que não era referenciada em nenhum dos repertórios que conhecia, dirigiu-se ao seu estabelecimento. Já se encontrava vendida, mas mesmo assim Arturo Rossi quis que observasse o cólofon com uma lupa que ele próprio lhe facultou. Com esse instrumento auxiliar pôde ver em detalhe, para que qualquer dúvida fosse dissipada, e com toda a segurança, o que à vista desarmada não era fácil. Tinha subtraído o carácter X à data em numeração romana, de tal modo que transformara o ano de 1526 no de 1516. Mas, mais do que isso, aquele era um exemplar espúrio que já tinha pertencido a Pina Martins, tendo ambos feito uma troca de livros por interesse mútuo. Arturo Rossi fabricara uma edição de facto raríssima, representada por um *unicum*, porém falso. “Nós, Italianos, temos imaginação. E também inteligência criativa”, começou por dizer³³. Explicou então a Pina Martins

33 José V. de Pina Martins, *Histórias de Livros para a História do Livro*, p. 152.

que satisfazia o sonho de um cliente, não muito abonado, que desejava possuir um livro que a Biblioteca Vaticana não tivesse. Um tal desejo não era de forma alguma fácil de contentar, mas, graças à sua imaginação e à sua arte, lá o conseguiu. Perante isto, Pina Martins acaba por confessar com bonomia ter ficado hesitante entre a indignação e o reconhecimento do talento e da astúcia do falsificador³⁴.

Também ele sonhava com muitos livros: a primeira edição florentina da *Commedia* impressa em 1481, a *Poliphili hypnerotomachia* de 1499, o *Virgilius* de 1501, *Le cose vulgari di Messer Francesco Petrarca* do mesmo ano. Alguns conseguiu tê-los nas suas estantes, depois de percorrer catálogos, livreiros-antiquários e cidades, outros permaneceram no horizonte dos seus desejos. Como qualquer exímio conhecedor de livros, privilegiava as edições preparadas em ambiente italiano pela pureza das versões textuais, pelo primor dos aparatos, pela impressão e pelas gravuras. Exulta quando Eugenio Asensio lhe oferece, no Natal de 1986, um in 8.^o com o *Lucianus* traduzido para latim por Erasmus e por Thomas More e a *Utopia* na edição de 1519. Depois da *princeps* de Lovaina de 1516, a *Utopia* tinha tido outras edições. No entanto, Pina Martins estava perfeitamente ciente do privilégio que era ter nas suas mãos a edição florentina de Giunta.

Fino apreciador da beleza estética da página, a ilustração é para ele muito mais do que um mero ornamento: é parte integrante da exegese, na sua íntima ligação ao texto ilustrado. O estudo da gravura do Calvário que figura no *Missale secundum consuetudinem Elborensis Ecclesiae noviter impressum*, provavelmente batido por Simão Galhardo em 1519, permite-lhe traçar um percurso de circulação

34 “Eu não sabia bem ao certo se devia indignar-me ou felicitar o falsificador. Arturo Rossi [...] herdara do pai – um agricultor abastado – a astúcia dos rurais, e da mãe – uma aristocrata pobre – o requinte de primorosas maneiras” (*Histórias de Livros para a História do Livro*, p. 153).

européia de xilogravuras de origem veneziana que chega até Portugal³⁵. O grande erudito reconhece à ilustração uma função comunicativa essencial para os iletrados, os quais só por essa via iam tendo acesso a livros tão importantes como a Bíblia, a *Eneida* ou as *Metamorfoses*.

Desses sonhos, talvez o mais ambicioso fosse, mas nunca concretizado, que o acompanhou ao longo de uma vida, fosse o de ter na sua biblioteca um exemplar da *Commedia* de 1481 para passar com vagar cada uma das suas páginas, contemplando-as com detalhe. Tinha tanto de deslumbrante como de etéreo: não chega a uma dezena o número de espécimes dessa edição que hoje se conhecem com a reprodução integrada das 19 gravuras. O facto de se tratar da primeira impressão do *opus* de Dante Alighieri batida em Florença confere um denso significado ao volume saído dos prelos de Nicolò di Lorenzo della Magna com introdução de Marsilio Ficino, comentário de Cristoforo Landino e gravuras feitas sobre desenhos de Sandro Botticelli, possivelmente talhadas por Baccio Baldini. Faz-se esplendoroso emblema do programa cultural de Lorenzo Il Magnifico, que assim chamava à sua cidade natal o poeta falecido no exílio em 1321. Já anteriormente tinham sido impressos, noutras

35 Conforme exposto em “Sur le livre portugais au début de l’âge moderne”, José V. de Pina Martins, *Humanisme et Renaissance de l’Italie au Portugal. Les deux regards de Janus*, Lisbonne, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1989, pp. 765-976 [vol. 2]. Recordar que, num jantar em casa de Guy Tosi, Vittore Branca dizia a André Chastel, merecendo a concordância deste, que “les bois vénitiens ne voyageaient pas”, ao que replicou: “‘ils ont voyagé jusqu’au Portugal’”. André Chastel quis ouvir a minha explicação e o exemplo do Cristo veneziano de Luc’Antonio Giunta convenceu os dois insígnos investigadores de que as matrizes xilográficas italianas, francesas e alemãs viajavam, a partir das feiras do Livro na Europa do Renascimento” (*Histórias de Livros para a História do Livro*, p. 36).

idades, alguns incunábulo da *Commedia*, mas nunca com tal primor iconográfico. O texto acusa muitas inflexões florentinas e uma grafia latinizante e Pina Martins possuía outras edições com o comentário de Landino. Contudo, o primor iconográfico daquela impressão de 1481, que teve ocasião de apreciar na própria Villa Careggi numa exposição do verão de 1951³⁶, nunca lhe saiu da ideia.

Na esfera da edição, não podia deixar de reservar um lugar de excepção à arte de Aldo Manuzio e dos seus continuadores: o “[...] maior impressor-humanista” que “[...] não pode ser superado”³⁷. O Senhor Valentim da Bibliópola era cúmplice, em particular, de um dos sonhos de Pina Martins: “Hei-de descobrir para si o *Petrarca* aldino de 1501!”, diz-lhe com a delicadeza de quem está a colocar o volumezinho nas suas mãos³⁸.

Em Paris, adquire um exemplar da *Poliphili hypnerotomachia* de 1499, porém incompleto. “Em

36 Refere-se à exposição logo nas primeiras páginas da secção inicial, intitulada “Vergôntees”, de *Histórias de Livros para a História do Livro* (pp. 9-13). Também conhecia essa edição através da *Bibliografia dantesca ossia catalogo delle edizioni, traduzioni, codici manoscritti e commenti della Divina Commedia e delle opere minori di Dante, seguito dalla serie de’ biografi di lui* de Colomb de Batines (Prato, Tipografia Aldina, 1845-1846, 3 vols., trad. italiana de um manuscrito francês), que hoje se pode ler em edição facsimilada (nuova ed. anastatica con una postfazione e indici a cura di Stefano Zamponi, Roma, Salerno, 3 vols. [2008]); cf. José V. de Pina Martins, *Histórias de Livros para a História do Livro*, p. 236, e *Humanisme et Renaissance de l’Italie au Portugal. Les deux regards de Janus*, passim.

37 José V. de Pina Martins, *Histórias de Livros para a História do Livro*, pp. 21, 24, passim. A actividade editorial de Aldo Manuzio situa-se no período cronológico que medeia entre 1494 e a data da sua morte, 5 de Fevereiro de 1515, tendo sido posteriormente continuada pelos seus herdeiros.

38 José V. de Pina Martins, *Histórias de Livros para a História do Livro*, p. 286.

meu entender, nada pode superar a essencialidade artística das gravuras do *Poliphilo* de 1499”³⁹, afirma. São 172 xilografuras. Não há tradução ou adaptação francesa que o possa satisfazer. O amor que dedica à obra saída dos prelos de Aldo Manuzio é tal que acaba por se desfazer desse exemplar, não suportando ter diante dos olhos um livro tão nobre numa forma não perfeita⁴⁰.

Da actividade de Aldo, eram as inovações introduzidas em 1501 a atraí-lo sobremaneira. Foi o ano da grande viragem. Aldo passa a dar preferência a autores latinos e italianos e lança o pequeno formato, até então reservado a obras de devoção. Ao tratar os escritores em língua vulgar com os mesmos cuidados que dispensa aos que escrevem em latim, está pois a elevá-los ao nível dos clássicos. A edição em 8.º e sem comentário previa um uso diferente do livro, que assim podia sair das grandes estantes do *studium*, para se abrir mais comodamente a novas práticas de leitura. Como tal, o grafismo ganha um relevo que nunca anteriormente lhe fora atribuído, enquanto cerne da legibilidade da página. O itálico talhado por Francesco Griffo responde plenamente a essas novas exigências, pela elegância com que se adapta ao pequeno formato da página, ao mesmo tempo que proporciona uma excepcional clareza à leitura.

O primeiro exemplo deste programa revolucionário foi o *Virgilius*. Pina Martins possuía o *Horatius* também impresso em 1501 que adquiriu em Paris ao livreiro-antiquário André Jammes. Contudo, *Le cose vulgari di Messer Francesco Petrarca* que o Senhor Valentim da Bibliópola tanto desejava colocar nas suas mãos, essas, foram outro dos seus sonhos que nunca veio a ver concretizado⁴¹. Possuía porém

39 José V. de Pina Martins, *Histórias de Livros para a História do Livro*, p. 23.

40 Adquiriu um exemplar fac-similado, em 1963, da edição de Aldo (*Histórias de Livros para a História do Livro*, pp. 23-25).

41 Também neste caso acabou por se resignar com uma

a segunda edição do Cancioneiro saída dos prelos de Manuzio em 1514. Considerava a versão textual de *Le cose vulgari* preparada em 1501 por Aldo Manuzio e Pietro Bembo das mais puras e projectava dedicar ao assunto um trabalho de colação filológica⁴².

A luz de Roma dava intensidade aos seus sonhos, com a grande cúpula da Basílica de S. Pedro a evocar os confins entre a terra e o céu. Na Biblioteca Vaticana, funcionavam cursos sobre História do Livro destinados a um público criteriosamente seleccionado. Não tardou a sentar-se nos seus bancos. A metodologia da escola histórica italiana que articula intrinsecamente filologia, paleografia, arquivística, bibliofilia e exegese textual marca indelevelmente a sua formação. Estudou História do Livro com o eminente Lamberto Donati. Mas o curso ofereceu-lhe mais do que isso. Proporcionou-lhe acesso privilegiado às preciosidades guardadas nos acervos da Vaticana, bem como o convívio com um círculo de intelectuais proeminentes. Acompanhou de perto os trabalhos e a actividade de Alberto Tallone, especialista em numismática, Luigi Michellini Tocci, grande conhecedor de objectos de arte, Bruno Nardi, estudioso do pensamento de Dante, Giuseppe Billanovich, filólogo que se distinguiu pelos seus estudos sobre Petrarca. Respirou neste ambiente um catolicismo atento às condições sociais da Itália coeva, tendo colaborado com a Rádio Vaticana e participado em emissões.

edição fac-similada num dos 50 exemplares numerados (*Histórias de Livros para a História do Livro*, p. 126).

42 A edição de 1501 foi feita a partir do manuscrito de Petrarca Vaticano Lat. 3195 e do manuscrito de Bembo Vaticano Lat. 3197, especificamente elaborado para o efeito com base em manuscritos antigos de grande autoridade. A ideia da pureza da edição de 1514 vem do século XVIII: “The second Aldine edition, considered by the editors and critics of the early 18th century (Castelvetro, Muzio, etc.) the best that had then been printed [...]”, escreve Mary Fowler (*apud* Klaus Ley *et alii*, *Die Drucke von Petrarca’s “Rime” 1470-2000*, Hildesheim, Zürich, New York, Olms, 2002, p. 106).

Além disso, o interesse em dilatar a esfera dos seus conhecimentos levou-o até Bolonha, aonde se deslocou regularmente nos anos de 1950-1951 para assistir às lições de Carlo Calcaterra na *Alma mater studiorum*. Calcaterra fora um dos mais brilhantes alunos de Arturo Graf, pioneiro da comparatística moderna à escala europeia. Herdara do seu mestre uma visão abrangente da literatura italiana e da sua difusão. Espírito combativo, estivera no centro de várias polémicas. Uma das mais vivazes, também dotada de contornos políticos, opusera-o a Benedetto Croce. Com o envolvimento na Resistência ao fascismo e o novo dinamismo que imprimiu à sua actividade de investigação no pós-guerra, Calcaterra dobrava uma charneira-chave do seu percurso intelectual. Ideou, por esses anos, algumas das suas mais brilhantes páginas de história literária⁴³: foram estas as lições que Pina Martins trouxe de Bolonha.

As suas concepções do Humanismo, do Renascimento e da sua difusão europeia são herança directa da escola histórica italiana. Têm por referência os grandes estudiosos da matéria, na sua maior parte italianos: Vittorio Rossi, Giovanni Gentile, Lucien Fèbvre, Augustin Renaudet, Giuseppe Saitta, Marcel Bataillon, Federico Chabod, Delio Cantimori, Paul Oskar Kristeller, Eugenio Garin. Se o contacto com textos originais, a fundamentação de posições a partir de fontes documentais e a atenção ao contexto histórico são as etapas basi-

43 Como seja a sua colaboração ao lado de Umberto Bosco e de outros críticos nas *Questioni e correnti di storia letteraria*, cujo primeiro volume saiu em 1949, uma colecção integrada no vasto projecto dirigido por Attilio Momigliano, *Orientamenti critici di lingua e letteratura Italiana*. Para a sua bibliografia, ver “Bibliografia degli scritti di Carlo Calcaterra”, a cura di Mario Saccenti, in *Dai dettatori al Novecento. Studi in ricordo di Carlo Calcaterra nel primo anniversario della sua morte*, [Torino], Società Editrice Internazionale, [1953], pp. 26-57.

lares da prática de pesquisa que adopta, as exigências de rigor metodológico que se coloca levam-no a explorar as suas próprias bases teóricas. Bem o ilustram as reservas que exprime relativamente ao filão idealista. O posicionamento anti-idealista é comum à crítica filológica da primeira metade do século XX proveniente de várias zonas da Europa Central, mas em Itália adquire especial fulgor. Pátria de um dos mais destacados filósofos do idealismo coevo, Benedetto Croce, a Itália é também o berço de uma ideia de história europeia. Apesar disso, o diálogo que se estabeleceu entre as duas correntes produziu um discurso que reverteu no fortalecimento metodológico de cada uma delas, por vezes com algumas concessões de campo, como é o caso de Gentile e Saitta.

A fidelidade de Pina Martins à escola histórica italiana era porém indefectível: nunca fez cedências ao idealismo de Benedetto Croce e dos seus mais directos sequazes. Criticou o filósofo pela sua visão romântica do Renascimento, por sobrevalorizar o paganismo e pela escassa atenção que dispensava aos textos⁴⁴. Admirava Gentile e Saitta, mas sem considerar as articulações históricas por eles estabelecidas suficientemente fundamentadas. Assim se compreendem, da mesma feita, as observações que formula acerca de Ernst Robert Curtius⁴⁵. O apreço que lhe era tributado

44 Que chega a exprimir sem panaceias: “Si un Croce n’a pas su se détacher de la thèse d’un Humanisme uniquement *ars dictandi* grammatical et philologique, c’est parce qu’il n’a pas eu l’occasion d’étudier assez à fond les textes, ou qu’il n’en a pas été capable” (*Humanisme et Renaissance de l’Italie au Portugal. Les deux regards de Janus*, p. 7 [vol. 1]). As posições a este propósito assumidas por Pina Martins e que irradiam toda a sua obra crítica são expostas em José V. de Pina Martins, “A propos du concept d’Humanisme à la Renaissance”, *Humanisme et Renaissance de l’Italie au Portugal. Les deux regards de Janus*, pp. 33-127 [vol. 1].

45 José V. de Pina Martins, “Humanisme et Renaissan-

por muitos sectores intelectuais, que admiravam a quantidade de fontes e citações coligidas, não o impediu de formular sérias críticas aos seus trabalhos de erudição. Além de notar que nem sempre maneja as melhores edições, sente que a ausência de uma precisa contextualização das abundantes referências que colige não lhe permite captar satisfatoriamente a linha evolutiva que diferencia Idade Média e Renascimento⁴⁶.

Esta visão ampla e articulada à escala italiana e europeia de autores, textos, livros e edições, ao ser transposta para o caso português, leva a uma profunda renovação dos estudos dedicados a esse domínio. Escreve pois:

“Si nous parlons de la primauté de l’Humanisme italien, c’est parce qu’il s’agit en effet historiquement d’une réalité indiscutable, qu’il a précédé chronologiquement l’Humanisme qui allait s’épanouir dans d’autres régions d’Europe, et lui a indiqué la voie”⁴⁷.

Nestas palavras, fica contido o gérmen daquela fecundidade crítica que pauta os seus trabalhos sobre João de Barros, André de Resende, Damião de Góis, Jerónimo Osório, Gil Vicente, Francisco de Sá de Miranda, Luís de Camões, Francisco Manuel de Melo, Luís António Verney e tantos outros autores.

ce: une étude d’Ernst-Robert Curtius”, *Humanisme et Renaissance de l’Italie au Portugal. Les deux regards de Janus*, pp. 3-32 [vol. 1].

46 “Il semble évident que c’est en raison d’une vision rhétorique, artificielle de la culture et appliquée à tort à la Renaissance, que Curtius a pu oublier les coordonnées fondamentales de l’histoire, qui définissent tout domaine culturel” (*Humanisme et Renaissance de l’Italie au Portugal. Les deux regards de Janus*, p. 16 [vol. 1]). É aliás semelhante o posicionamento de Eugenio Garin em relação a Curtius.

47 José V. de Pina Martins, *Humanisme et Renaissance de l’Italie au Portugal. Les deux regards de Janus*, p. 104 [vol. 1].

A primazia do Humanismo italiano e do magistério de Francesco Petrarca era uma aquisição crítica. Contudo, poucos estudiosos até então a tinham afirmado, em Portugal, a partir de um conhecimento de campo efectivo.

Um plano de estudos assim delineado é de grande exigência, requerendo competências científicas e disciplinares diversificadas que passam pelo domínio de várias línguas, de várias literaturas e de um sem-número de livros e autores. A luz de Roma faz-se intensa, sempre mais intensa, engrandecida por um percurso intelectual que articula estratos, tempos e lugares. Da abrangência dessa perspectiva resulta também engrandecido o dinamismo da literatura e da cultura do pequeno país da Europa, debruçado sobre o Atlântico, capaz de fazer do global local, revitalizando-o.

É essa a relação dialógica que liga os volumes *Cultura Italiana* e *Cultura Portuguesa*, de 1971 e de 1974, respectivamente. Com as suas páginas, a noção de que o estudo da cultura e da literatura portuguesas não pode ser satisfatório se não considerar a forma como é integrado e recriado o que ao longo dos séculos chega de Itália é um dado inquestionável:

“Mas, se a influência europeia e especialmente italiana na cultura portuguesa é um facto histórico de que não podemos prescindir, sob pena de não compreendermos a fundo a própria peculiaridade ou originalidade nacional, a crítica portuguesa pouco tem feito nos últimos 50 anos para que se defina em Portugal uma consciencialização dos valores da cultura europeia”⁴⁸.

48 José V. de Pina Martins, *Cultura Italiana*, Lisboa, Verbo, 1971, p. 17. Pina Martins lamenta reiteradamente o estado em que se encontra a produção crítica portuguesa e o seu isolamento do contexto europeu. À incidência científica das observações que ficam contidas neste passo, acresce o signi-

ficado que assumem perante a política ditatorial do regime que governava o país.

O processo dialógico que assim é instaurado reverte num mais profundo conhecimento científico quer da cultura portuguesa, quer da cultura italiana. Ao caso, não é só o Humanismo português a ser restituído ao quadro italiano e europeu em que se insere: é também o Humanismo italiano e europeu, com o estudo da sua difusão, a ser mais exactamente avaliado e reconduzido às suas matrizes.

Por conseguinte, a metodologia da escola histórica italiana erige-se em instrumento essencial para, a partir de uma renovada fundamentação científica, desmontar os preconceitos e a insuficiência informativa que afectam muitas leituras do caso português. A Hauser e Renaudet, não perdoa os limites e até as deformações de que a sua síntese enferma⁴⁹. A Michelet, louva a exactidão da exegese textual, mas aponta os vícios do nacionalismo francês⁵⁰. A Burckhardt, reconhece o brilhantismo com que

ficado que assumem perante a política ditatorial do regime que governava o país.

49 “Pour ce qui a trait au Portugal, il y a, dans la synthèse historique de Hauser-Renaudet, des chapitres où surgissent d’assez graves inexactitudes, dues non seulement à un défaut d’information bibliographique et critique chez les deux auteurs, mais aussi au fait qu’ils connaissent mal l’évolution de l’histoire du Portugal au temps des Découvertes” (*Humanisme et Renaissance de l’Italie au Portugal. Les deux Regards de Janus*, p. 70 [vol. 1]). Refere-se ao estudo de Henri Hauser e Augustin Renaudet, *Les débuts de l’Âge Moderne. La Renaissance et la Réforme* (Paris, F. Alcan, 1929), que lê na tradução italiana de Carlo Pischetta (*L’Età del Rinascimento e della Riforma*, [Torino], Einaudi, 1957), uma escolha que talvez não seja alheia às ilustrações *hors-texte* de que é acompanhada.

50 “[O]n peut s’étonner de voir ranger Luther auprès de Copernic et de Colomb parmi les précurseurs des temps modernes, et du parallèle historique entre Charles-Quint et François I^{er}, empreint d’une rhétorique nationaliste qui semble avoir encore ses adeptes de nos jours” (*Humanisme et Renaissance de l’Italie au Portugal. Les deux regards de Janus*, p. 57 [vol. 1]).

traça um quadro de conjunto, embora note a pouca importância que dá à transição da Idade Média para o Renascimento e às fontes cristãs⁵¹. Na mesma linha metodológica, aponta as deficiências científicas de Robert Klein, quando sonega o pioneirismo do Renascimento italiano em função de outros centros da cultura europeia⁵². Entretanto, a parábola crítica assim descrita por Pina Martins alargou-se, de Itália, a Portugal e a tantas outras culturas da Europa. É que a primazia do Humanismo italiano e a sua sucessiva difusão são uma realidade histórica inquestionável, e por consequência a cientificidade do seu estudo não suporta leituras parcelares.

Subjaz a esta concepção crítica dialógica, a par das lições de Calcaterra, o largo espectro do pensamento de Delio Cantimori e de Eugenio Garin, cuja penetração no tecido intelectual português não fora imediata. Com Cantimori, Pina Martins sustém aquela convergência entre Humanismo e Renascimento que encontra o seu termo resolutivo num nível mais abrangente, congregando sociedade, cultura e literatura com as várias vertentes de uma teologia reformada. Com Eugenio Garin, coloca

51 “En lisant l'étude de Burkhardt, goethien avec enthousiasme dans ses élans et ses tendances esthétiques, on pourrait penser que l'homme de la Renaissance a surgi sur un coup de baguette magique, qu'il n'a pas eu d'antécédents historiques, politiques et culturels. Or il n'en est rien, comme l'ont prouvé les travaux de savants allemands, français, anglais, américains et surtout italiens; parmi ces derniers et malgré les quelques dizaines d'années écoulées, il faut toujours distinguer Giovanni Gentile, l'un des philosophes et des chercheurs les plus lucides et les plus érudits que nous ait donnés l'Italie au cours de ce siècle” (*Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal. Les deux regards de Janus*, p. 55 [vol. 1]).

52 “C'est une affirmation qui semble dépourvue de tout fondement scientifique, car le 'goticismo' de Ghiberti ou de Gentile da Fabriano n'a rien à voir avec le gothique du Nord” (*Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal. Les deux regards de Janus*, p. 58 [vol. 1]).

no cerne dessa convergência os *studia humanitatis*. De Erasmo e do erasmismo a Thomas More e a Hytlodeu, engrandece-se o sopro de um ímpeto germinalmente inclusivo. É tão abrangente como fecunda a sua concepção do Humanismo qual instância de articulação entre aristotelismo e platonismo, entre mística cristã e mística esotérica, ou entre pedagogia e afirmação de poder, com base no estudo das letras e da filologia. A essência conciliante do fenómeno assim perspectivado, na sua universalidade e na sua transversalidade, é a pedra de toque que suporta o estudo e o desvelamento do seu dinamismo europeu.

Tal como um livro se oferece à leitura na elegância dos seus caracteres tipográficos e na delicadeza do papel em que é impresso, assim a prolusão científica requer a eloquência de uma veste que lhe ilumine a intensidade. Nesse sentido, o discurso crítico de Pina Martins faz-se espelho lídimo dos grandes preceitos dos *studia*, traduzidos em efeitos retóricos que aguçam a atenção de quem lê ou de quem ouve. *Les deux regards de Janus*: foi a imagem que escolheu para realçar uma realidade histórica dupla, situada entre Itália e Portugal. Escreve na página com que se abrem os dois densos volumes de *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal. Les deux regards de Janus*:

“Par ce titre *Les deux regards de Janus* l'auteur a voulu définir l'unité d'une double réalité historique née avec Pétrarque au coeur même de l'Italie et précédée au Portugal par le développement méthodique des grands voyages maritimes”⁵³.

Pina Martins privilegia o estudo dos grandes autores, aqueles cuja obra representa as linhas estruturantes de uma determinada época, projectando-as no tempo. Petrarca, fulcro do Humanismo

53 J. V. Pina Martins, *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal. Les deux regards de Janus*, p. IX [vol. 1].

e do Renascimento, designado por Ernest Renan como o primeiro homem moderno, foi a bússola que a todo o momento orientou as suas pesquisas nesse campo. Com ela, percorreu praças, avenidas e ruelas de Roma, de Paris ou de Lisboa e procurou as suas edições. Algumas encontrou-as, outras guardou-as como sonhos de livros. Dedicou um ensaio fundamental à modernidade de Francesco Petrarca, “Petrarca, esse primeiro moderno”, que saiu nos *Arquivos do Centro Cultural Português* em 1974: uma linha de pesquisa à qual foi lançando sucessivos *regards*⁵⁴.

No início de *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal. Les deux regards de Janus*, reproduz o retrato daquele que considera ser um dos seus proeminentes seguidores, Giovanni Pico della Mirandola. A descoberta da bela pintura num antiquário de Paris deve-se à sua acribia. Quase duas décadas volvidas, como primeira imagem de *Histórias de Livros para a História do Livro*, escolhe a iluminura que ornamenta o primeiro fólio do precioso códice de *Virgilius Ambrosiano* pertencente a Petrarca⁵⁵.

54 José V. de Pina Martins, “Petrarca, esse primeiro moderno”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, 8, 1974, pp. 45-79, que em 1989 é publicado em versão francesa (“Francesco Petrarca premier des modernes”, *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal. Les deux regards de Janus*, pp. 169-203 [vol. 1]) e em 2005 tem edição revista e actualizada no número da *Revista Portuguesa de História do Livro* que homenageia Eugenio Garin, dedicado a Petrarca e ao petrarquismo europeu (“Modernidade de Petrarca”, *Revista Portuguesa de História do Livro*, ano 8, 15, 2005, pp. 55-104). Na verdade, o tema do primeiro moderno percorre transversalmente os escritos que dedicou ao Humanismo e ao Renascimento. “Erasmé et More ont été les disciples des latinistes italiens, de Pétrarque à Ficini, et on ne peut pas étudier le latin de More sans le comparer au leur” (*Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal. Les deux regards de Janus*, p. 339 [vol. 1]).

55 Actualmente depositado na Biblioteca Ambrosiana de Milão, é um cartáceo com 410(h)×265(l)mm que contém as

Pina Martins considerava Virgílio o “[...] maior poeta latino”⁵⁶. A iluminura associa, pois, o maior poeta latino ao primeiro moderno.

Foi elaborada por Simone Martini no período em que Petrarca frequentava a corte de Avinhão. A sua biblioteca era riquíssima, mas o lugar que no seu seio cabe a esse códice é inestimável. Contendo a obra de um poeta pagão, mereceu cuidados que só costumavam ser dispensados a obras de devoção religiosa. Desempenhou uma função de charneira na passagem da Idade Média para o Humanismo. Petrarca amava-o com desvelo. Anotou profusamente o seu texto, que era acompanhado pelo comentário de Sérvio, e fez dos fólhos de guarda seus confidentes. Os versos sobre a peregrinação de S. Paulo à sepultura de Virgílio que nele gravou reconciliam o poeta latino com a era cristã. O registo da morte de Laura dá consistência a uma das maiores ficções das letras modernas.

Simone Martini coloca Virgílio em destaque, do lado direito, com uma ampla toga. Coroado de louros, a pena na mão e um livro aberto no regaço, lança para o céu um olhar entre o inspirado e o profético. Sérvio afasta uma cortina pregueada, apontando-o a dedo a um soldado que é Eneias. Na parte inferior da cena, encontram-se as personagens mais humildes das *Geórgicas* e das *Bucólicas*, um agricultor e um pastor. Três obras representadas por três personagens e três árvores frondosas simbolizam os três estilos que da retórica latina passam aos *studia humanitatis* pela mão de Petrarca.

Vários especialistas do Humanismo e do Renascimento escolheram momentos simbólicos para

Bucólicas, as *Geórgicas* e a *Eneida* com o comentário de Sérvio; a *Aquileida* de Estácio com um comentário medieval; quatro odes de Horácio com o comentário do pseudo-Ácron; e dois comentários medievais a uma parte da *ars maior* de Donato.

56 José V. de Pina Martins, *Histórias de Livros para a História do Livro*, p. 214.

o início da nova época que se abria. Pina Martins aproximou-o da data da coroação de Petrarca no Capitólio, tal era a reverência pelo seu magistério⁵⁷. Mas era também a intensidade com que se revia naquela Roma, cidade terrena, cidade eterna, que o atraía para aquele momento dissipativo, fixando a sua função refundacional.

A 5 de Abril de 1341, Petrarca recebe uma coroa de louros dos senadores Orso dell'Anguillara e Giordano Orsini numa celebração realizada no coração do mundo romano. Durante a cerimónia, profere um discurso acerca do valor das letras e da poesia, a *Collatio laureationis*. As regras da oratória recomendavam que a prolusão se iniciasse com uma citação tirada da *Bíblia*: substitui-lhe, porém, um passo de Virgílio. As ruínas de Roma reviviam a glória do seu poeta.

Não era a primeira vez que Petrarca estava na cidade terrena, cidade eterna. Fizera uma viagem a Roma quatro anos antes, ao serviço de Giacomo Colonna. A cidade encontrava-se então assolada pelas guerras entre os Colonna e os Orsini. As preciosidades de um império em ruínas acumulavam-se em monturos. Ainda estava fresca a memória dos descatos que tinham levado o papa Clemente V para Avinhão. Petrarca acabara de descobrir a oração *Pro Archia* de Cícero e uma outra oração pseudociceroniana na biblioteca de Liège e Giacomo Colonna, seu protector, temia que uma cidade naquelas condições, bem diferente da que conhecia através das suas leituras, destruísse o ardor do jovem estudioso. Contrariando tais expectativas, na carta que lhe dirige confia-lhe que tudo aquilo que via era muito mais espantoso do que quanto pudesse imaginar⁵⁸. Sentia ter encontrado

57 J. V. Pina Martins, *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal. Les deux regards de Janus*, p. 8 [vol. 1].

58 “Illa vero, mirum dictu, nichil imminuit, sed auxit omnia. Vere maior fuit Roma, maioresque sunt relique quam rebar. Iam non orbem ab hac urbe domitum, sed tam sero do-

em Roma a ideia do que havia de vir a escrever: “[i]ngens michi forsan in posterum scribendi meteria oblata est”⁵⁹. Assim ficou para a eternidade como o primeiro moderno.

Uma lenda conta que entrou no grande sonho quando para sempre adormeceu sobre o precioso manuscrito iluminado por Simone Martini, e Pina Martins recorda-a no prólogo de *Histórias de Livros para a História do Livro* que dedica ao VII centenário da morte do poeta⁶⁰. É acolhedora, a luz intensa sob a qual refulgem a iluminura do *Virgilius* de Petrarca, os *Opera, Il Secreto*, como o livro aberto onde está escrita a vida de José V. de Pina Martins.

JOSÉ VITORINO DE PINA MARTINS E A CONSOLAÇÃO DOS LIVROS

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

José Vitorino de Pina Martins distinguiu-se em vários domínios da atividade académica e intelectual. Foi um investigador operoso no domínio

mitum miror” (Francesco Petrarca, *Le Familiari*, edizione critica per cura di Vittorio Rossi, Firenze, Sansoni [Edizione Nazionale], 1933, *Fam.* 2. 14, 3 [p. 103]).

59 Francesco Petrarca, *Le Familiari*, *Fam.* 2. 14, 1 [p. 103].

60 “Perguntei um dia a um estudioso de Petrarca – depois de Pierre de Nolhac o melhor conhecedor moderno dos códices da sua biblioteca – se lhe parecia provável ter sido o *Virgilius* hoje ambrosiano o manuscrito sobre o qual o humanista adormeceu para sempre. Com um sorriso levemente céptico respondeu-me: – Talvez não, mas há tradições que é bom respeitar...” (*Histórias de Livros para a História do Livro*, p. 2).